

A Dança do Ventre

Péssima notícia para os eleitores-contribuintes: do montante desviado pela máfia do Orçamento, já apurado, só 1% foi recuperado, passados dois meses de revelações escabrosas que abalaram a opinião pública. E assim mesmo o dinheiro recuperado se refere apenas aos dólares apreendidos na casa do ex-assessor do Orçamento, entregues por ele próprio à polícia.

A outra expectativa, a cassação dos anões e os asseclas de todos os tamanhos que nos últimos anos movimentaram milhões de dólares nas contas pessoais, entrou em compasso de espera. Depois do impulso inicial, a CPI está em banho-maria, ao sabor das pressões e contrapressões de acusados e suspeitos. Ao mesmo tempo que as subcomissões começaram a ampliar ao infinito o raio de ação, investigando tudo em todas as épocas, enorme espírito de corpo permitiu que alguns depoimentos inadiáveis fossem adiados.

Hoje se pode dizer que a CPI empacou, numa encruzilhada perigosa. A opinião pública ficará frustrada se, num lance de corporativismo, a maioria dos parlamentares implicados ficar impune, ou se apenas dois ou três forem lançados ao rio como bois de piranha. Aparentemente tudo se encaminha para uma espécie de anistia branca destinada a passar panos quentes sobre a questão.

A CPI procede como se quisesse passar tudo a limpo. Seu problema não é a covardia, mas o pecado da gula. Arregalou os olhos diante do material colocado à mesa nas primeiras quebras de sigilo bancário, depois recuou. Por falta de definição, incapaz de circunscrever o raio de ação, diluiu-se, engasgada pela variedade.

Se recuar, reprisará a ordem antiga, a que gerou corrupção, malversação dos recursos públicos, empreguismo, enfim, todos os sintomas da crise ética que as primeiras páginas dos jornais reproduzem diariamente. O espetáculo da corrupção é acabrunhante. O espetáculo da impunidade é mortal. Criou-se uma cadeia de desentendimento entre eleitores e políticos que só tende a marchar para o abismo, enquanto o crime organizado se ergue do submundo e se aloja nos bastidores do Congresso. Os eleitores não entendem mais os políticos; os políticos não entendem os partidos; e os partidos não enten-

dem o país. Ninguém está disposto ou preparado para entender coisa alguma.

A constituição republicana original já pairava no ar, abstrata, como uma figura de retórica, sem conexão com o mundo real. Começou aí o trágico desencontro entre regime político e sociedade civil — a herança republicana. Entre lei e povo o desencontro é total. Por isto se diz que no Brasil a lei “não pega”. Episódios como a roubalheira da do Orçamento demonstram que a república “não pegou”. Pelo contrário, retrocedeu à época das capitânias hereditárias, quando o país foi retalhado para uso e usufruto de uma minoria e sua parentela.

Por que, na CPI do Orçamento, uns depõem e outros não? Por que a bancada de Sarney — a segunda do Congresso, mas a maior da corrupção — impede que seus membros se furem ao dever de depor ou abrir as contas? Tantos conchavos, encercas, trapalhadas e protecionismo descarado remetem aos áureos tempos do País dos Bruzundangas com que Lima Barreto exorcizou a picaretagem brasileira, tocando na corda da essência nacional: apego à corrupção, Estado tutor e safado, promessas vãs dos homens do poder.

Se a CPI do Orçamento recuar, agora que os olhos da opinião pública estão voltados para ela, ou se se diluir na ambição desmedida de abarcar todos os vícios nacionais, sem ao menos digerir o arroz com feijão que é sua finalidade precípua, os políticos brasileiros perderão ótima oportunidade — talvez a última — de quebrar a imagem, transformada em senso comum, de que todo político é ladrão, parasita.

Segundo o vice-presidente da CPI, enquanto houver miséria e clientelismo existirá corrupção. É uma constatação desesperançada, talvez realista, mas não palatável neste momento em que a opinião pública se volta para o futuro e exige que seus representantes assumam nova postura moral. Para fazer democracia às vezes é preciso o *strip-tease* moral, como os EUA ao tempo de Watergate ou a Itália com as Operação Mãos Limpas — uma forma de catarse, de educação política. Os anões do Orçamento e os gigantes da corrupção querem transformar o *strip-tease* moral numa dança do ventre.